

Entrevista

Saskia Sassen “Não é imigração, é expulsão”

Entrevista concedida a Jorge Felix¹

Eleita uma das 50 pensadoras globais mais influentes (Prospect, em 2014) também figura na lista dos cem principais pensadores mundiais (de acordo com a Foreign Policy, em 2011), a socióloga Saskia Sassen é conhecida, sobretudo, por difundir o conceito de “cidade global”. Seus estudos sempre seguiram a trilha aberta por essa categoria amplamente consensual na Sociologia Urbana. No entanto, esse percurso a encaminhou para outros meandros da Sociologia da Globalização – subárea explorada por esta professora da *Columbia University* e título de livro já traduzido em português. Um destes destinos de pesquisa é o tema da imigração. A inquietude típica de suas análises, porém, levou-a à contestação dessa categoria. Essa e tantas outras que ela enquadra em um “ambiente familiar” de categorias sociológicas que em nada esclarecem a realidade contemporânea. Ela recomenda aos sociólogos “desestabilizar os conceitos estáveis”.

É por isso que seu livro mais recente, a ser lançado em outubro pela editora Paz & Terra, recebeu o título de “Expulsões”. Nessa entrevista, concedida (por e-mail) após palestra realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no dia 13 de junho, Saskia Sassen explica: “O momento da expulsão é o momento de uma condição familiar que se torna extrema. Você não é simplesmente pobre, você está com fome, perdeu sua casa, vive em barraco. Ou com a terra e com a água: não são simplesmente degradadas, terras ou águas insalubres. São mortas, acabadas. Nós tendemos a parar no extremo. Não entrar nele. O extremo é muito, muito feio e não temos conceitos para capturá-lo”.

¹ Doutorando em Ciências Sociais (PUC-SP) e professor convidado da USP (EACH), PUC-SP e FESP-SP. jorgemarfelix@gmail.com

Ponto-e-vírgula – Como analisa o fenômeno da imigração global atualmente?

Saskia Sassen – Deixe-me, inicialmente, destacar que toda a noção de migração surgiu na Europa e nas Américas de uma forma diferenciada de outras partes do mundo, embora eles também tenham tido migrações. Deixe-me também lembrar que por muitos séculos poucos continentes em todo o globo tiveram tantas guerras como a Europa teve e talvez valha lembrar que em algum momento a Europa teve mais de 500 estados autônomos. Isso por si só criaria as guerras. Finalmente, enquanto a Europa, por muito tempo, pensou em ser um continente de migração – e havia de fato migrações maciças da Europa para o Ocidente, mas também para outras partes do mundo – havia também migrações maciças dentro da Europa. Um dos meus primeiros livros (*Guests and Aliens, New York, New Press, 1999*) examinou este fato e a forma como os europeus pareciam ter esquecido isso. Em sua fase imperial, a Europa lançou também o transporte organizado em volume maciço, de milhões, de um fim do mundo para o outro. Pense o recrutamento de trabalhadores chineses para as ferrovias pelos Estados Unidos, os portos britânicos que se tornaram centros para o transporte de escravos. Estes eram padrões não muito presentes em outras partes do mundo nesta escala e com este nível de organização.

Ponto-e-vírgula – E quais as particularidades neste momento, no caso da Síria, por exemplo?

Saskia Sassen – Agora nos voltamos para as migrações atuais para a Europa. Bem, isso não começou com os países de origem destes refugiados. Os Estados Unidos, o Reino Unido, a Austrália, a Arábia Saudita, estes e outros são os países que lançaram guerras inúteis que só beneficiaram a indústria armamentista e seus setores derivativos. Nós, no Ocidente, mais uma vez, geramos um fluxo maciço de refugiados. E é realmente difícil entender por que fizemos isso seja qual for a análise. Mas nós fizemos, nós bombardeamos, nós matamos, criamos uma divisão enorme entre xiitas e sunitas. Sim, uma grande desconfiança uns dos outros. A invasão do Iraque e o manuseio do pós invasão só trouxe essa divisão a um ponto mais acentuado. Assim, a Síria acabou de receber mais de 2 milhões de sunitas depois da guerra “sucesso” dos Estados Unidos e seus aliados e a implementação de um regime que perseguiu sunitas transformando-os em um inimigo que agora é parcialmente cristalizado no Estado Islâmico, com Falluja, uma de suas principais bases até recentemente. Muitos desses refugiados chegando à Europa são produtos dessas guerras lançadas pelos Estados Unidos e alguns de seus aliados.

Eu acrescento a isto a minha própria visão sobre este fenômeno: defendo que isso tudo deixa de fora uma nova condição emergente, na qual eu incluo o fato de uma maciça perda de habitat no hemisfério sul devido à expansão da mineração, da agricultura de plantação (monocultura), de disputa de água, de expansão das cidades. Isso gera milhões de deslocados: pequenos agricultores e populações rurais pobres. Eles vão para as cidades, um dos poucos lugares onde eles podem se dispersar em forma de uma grande favela e, eventualmente, alguns tentam migrar para a Europa. Eu defendo que eles são um novo tipo de refugiados, que são produzidos por uma forma particular de “desenvolvimento econômico”. Mas não há nenhum regime que lhes reconheça e precisamos de um tal regime. Então, nós os enxergamos simplesmente como migrantes, mas eles não são os migrantes: não há casa para voltar. Eles estão desabrigados, eles são refugiados de desenvolvimento econômico. Em um artigo detalhei esse fato (<http://socdev.ucpress.edu/content/2/2/204>).

Ponto-e-vírgula – Por que afirma que as categorias sociológicas são insuficientes, na atualidade, para explicar o fenômeno das expulsões no século XXI?

Saskia Sassen – Sim, de fato. Você notou isso. Eu chamo isso de “desestabilizar os conceitos estáveis” (*destabilizing stable meanings*). Eu acho que nós devemos fazer isso. Qual é o significado hoje para “estado”, “economia”, “classe média” etc? Eu vejo o momento da expulsão, por exemplo, o que eu também chamo de borda sistêmica (*systemic edge*), como o momento quando o familiar se torna extremo (*extreme*). Isso é a versão extrema da condição *familiar* [grifo de Sassen]. Eu não quero perder o familiar aqui. Isso não quer dizer monstruoso, estranho, que pertence a outra realidade. Não, isso é mesmo sobre o familiar que se torna tão extremo que mal o reconhecemos. O momento da expulsão é o momento de uma condição familiar que se torna extrema. Você não é simplesmente pobre, você está com fome, perdeu sua casa, vive em barraco. Ou com a terra e com a água: não são simplesmente degradadas, terras ou águas insalubres. São mortas, acabadas. Nós tendemos a parar no extremo. Não entrar nele. O extremo é muito, muito feio e não temos conceitos para capturá-lo. Por isso, torna-se facilmente monstruoso. Em *Expulsões*² eu examino uma ampla gama de processos familiares que em algum momento se tornam tão extremos que a linguagem familiar mais do que qualquer outra não dá conta de explicá-los. Esse momento extremo pode ser pensado como a borda

² Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. Livro de Saskia Sassen, lançado em 2014.

sistêmica – para ser distinguido do conceito mais familiar de fronteiras interestaduais. Bordas sistêmicas estão proliferando em diversos domínios. Além disso, eu concebo estas arestas sistêmicas como o ponto que surge ocasionalmente em longas trajetórias, quando a condição familiar se torna invisível – ela é expulsa do nosso espaço de conhecimento, do nosso espaço experiencial.

Ponto-e-vírgula – É por isso que sua proposta é redenominar o conceito de “mudança climática” para “terra morta”. Por quê?

Saskia Sassen – Em *Expulsões*, eu argumento que novos conceitos são necessários para capturar a complexidade e profundidade do social e do processo de deslocamento ambiental que está ocorrendo no mundo. O conceito de expulsão é direto e forte. Ele nos obriga a levar muito a sério um pouco do que está acontecendo. Se nós simplesmente falarmos “oh, há um pouco mais de tudo isso” parece que estaremos ainda sobre um terreno familiar e tudo será gerenciável. Eu quero algo mais brutal como palavra para descrever o que está acontecendo. Uma das questões que me guiaram com o livro é que a linguagem de *mais* [grifos de Sassen] desigualdade, *mais* pobreza, *mais* prisões, *mais* destruição ambiental, e assim por diante, é insuficiente para marcar a proliferação de condições extremas. É por isso que defendo que, em algum momento, estamos lidando com expulsões, e não simplesmente mais uma coisa ruim, mas uma ruptura radical. Estamos entrando em terreno desconhecido (*unifamiliar*) que é como eu os quero para pensar em uma escala acima de desastres de todos os tipos que estão enfrentando.

Ponto-e-vírgula – Quais as consequências do fenômeno da “terra morta” para as cidades e o mercado imobiliário?

Saskia Sassen - Eu não faço, necessariamente, uma conexão com “terra morta” na pesquisa que realizo sobre o forte aumento de compra de propriedades em muitas grandes cidades de todo o mundo. Mas, com essa pergunta, você me faz pensar sobre a possibilidade de que essas grandes propriedades, muitas das quais não são muito utilizadas (é um investimento) podem tornar-se uma espécie de terra morta urbana. No novo tipo de compra de grandes propriedades valiosas nas grandes cidades, estamos testemunhando uma involuntariamente grande escala de compra corporativa de pedaços de cidades. E, isso é muito importante. Eu desenvolvi algo sobre isso em grandes detalhes no meu livro *Expulsões* e no meu

projeto “Quem é dono da cidade?”³ Na verdade, este artigo tem tanta atenção porque é quase uma espécie de romance, que o editor me perguntou se eu poderia também fazer um conto de fadas sobre isso; o que eu fiz com meu filho, um artista [Hilary Koob-Sassen, filho do primeiro casamento]. Trata-se de um monstro que entra na cidade com algumas grandes imagens. Em 2014, mais de 600 bilhões de dólares foram para comprar grandes propriedades urbanas entre as cem melhores cidades – cidades classificadas pela quantidade deste tipo de investimento. Isso é muito. E em apenas um ano. E este valor de investimento só mede aquisições de propriedades, com preço mínimo de 5 milhões de dólares (este é o padrão para Nova Iorque, em algumas outras cidades pode ser inferior). E isso não inclui o “desenvolvimento local”, isto é, quando você começa com terra vazia e desenvolver normalmente projetos muito grandes. Esse projeto começou há alguns anos depois da crise financeira (de 2008). E os dados que eu estou listando aqui são só de um ano. Por exemplo, *Amsterdam-Randstadt* viu um aumento, em 2014, em investimento total de 248% maior do que no ano anterior. Deixe-me esclarecer: a medida real é meados de 2013 e meados de 2014. No ano seguinte, de meados de 2014 a meados de 2015, esse total quase dobrou, chegando a mais de 1 trilhão de dólares.

Ponto-e-vírgula – O fato de termos mais proprietários estrangeiros nas grandes cidades, do que cidadãos ou empresas locais, terá qual tipo de impacto sobre as cidades globais?

Saskia Sassen - Se você parar e perguntar: o que marca uma cidade? É uma espécie de mistura de complexidade e incompletude. Esta é a minha maneira de defini-la, Claramente, a maioria dos urbanistas, provavelmente, utiliza uma linguagem mais urbana. Parece-me que este *mix* permitiu a incorporação de diversas pessoas, lógicas, políticas nessa condição complexa que é uma verdadeira cidade. Não um parque de escritórios ou shoppings que são espaços controlados de forma privada, mas uma cidade real. Além disso, uma grande cidade mista é uma espécie de zona fronteira. Como fronteira quero dizer um lugar onde atores de diferentes mundos podem ter um encontro para o qual não há regras de engajamento estabelecidas. É, então, também, uma zona onde os impotentes e os poderosos podem realmente se encontrar. E no mundo de hoje, onde o capital e poder tornaram-se tão fugazes, privados e remotos, isso importa. É um momento na trajetória de entidades poderosas, quando atingiram o solo, e precisam desse solo.

³ *Who owns the city?* <http://www.theguardian.com/cities/2015/nov/24/who-owns-our-cities-and-why-this-urban-takeover-should-concern-us-all>

Ponto-e-vírgula – Como pode a cidade também ser mais para os pobres?

Saskia Sassen – Esta mistura também faz as cidades espaços de inovações, pequenas e grandes, e inovações que ricos e pobres podem iniciar, embora eles possam ser muito diferentes em inovações. E ela é um lugar onde aqueles sem poder podem construir uma história, uma cultura, uma economia – mesmo se eles não necessariamente se tornem poderosos. Pense nas comunidades imigrantes e nas favelas bem desenvolvidas, eles estão fazendo o espaço urbano.

Ponto-e-vírgula – O que uma cidade é capaz de acrescentar para a vida de uma pessoa de baixa renda ou pobre?

Saskia Sassen – Essa mistura de complexidade e incompletude torna possível gerar uma espécie de temática urbana e uma subjetividade urbana. Ela pode substituir o tema religioso, o tema étnico, o sujeito racializado, e, em certas configurações, também as diferenças de classe. Há momentos nas rotinas de uma cidade, quando todos se tornam assuntos urbanos. A hora do *rush* é essa tal mistura de tempo e espaço onde todos funcionam como sujeitos urbanos, a qual todos pertencem – as massas correndo para pegar o transporte público no horário de pico. Mas hoje, em vez de um espaço para incluir pessoas de várias experiências e culturas, nossas cidades globais estão expulsando pessoas e diversidades. Os novos proprietários, muitas vezes em sua maioria habitantes a tempo parcial, são muito internacionais, mas isso não significa que eles representam muitas culturas e tradições diversas. Eles são incrivelmente homogêneos, não importa o quão diverso seus países de nascimento e idiomas. Este processamento de tanta diferença através de um projeto corporativo global complexo é em si uma capacidade admirável, mas apenas se forem alocados para uma melhor utilização. Este não é o “sujeito urbano” que nossas grandes cidades mistas têm produzido historicamente. Este é acima de tudo um tema global “*corporate*”.

Ponto-e-vírgula - Há expulsões nos espaços físicos e espaços virtuais ou invisíveis. Poderíamos dizer que a Educação (universidade, por exemplo) é um desses espaços? Ou todo o sistema de segurança social?

Saskia Sassen - Bem, acho que se poderia dizer quando a educação serve para fortalecer as elites e reforçar o estatuto dos desfavorecidos (fornecendo escolas ruins para os pobres),

então a educação torna-se, de fato, espaço que vai ampliar a desigualdade. E isso não é o que se destina a fazer: que é garantir que também as classes médias pobres e modestas tenham uma chance de sucesso. A mesma coisa com o sistema de seguridade social: a intenção é garantir um padrão básico de vida e, assim, reduzir a distância entre os pobres e as classes médias e entre esses dois e os ricos. Não eliminar, mas reduzir.

Ponto-e-vírgula – Talvez os dois espaços sejam interligados, o do social, pela educação e o espaço da cidade.

Saskia Sassen – Um dos meus projetos favoritos é a noção que se nós tivermos os meios de capacitar também os bairros pobres e as classes médias baixas via educação, que isso poderia ajudar a instalar um tipo de urbanismo *open source* (código aberto). Isso poderia funcionar como um antídoto para o crescimento da desigualdade social, não dando mais dinheiro, mas pela capacitação para o mais modesto morador de um bairro se tornar mais um ator ativo na cidade.

Ponto-e-vírgula – O que você quer dizer exatamente com urbanismo *open source*?

Saskia Sassen - Isso significaria a implantação de tecnologias de código aberto em uma variedade de contextos urbanos. A questão torna-se então: “Podemos urbanizar a tecnologia de código aberto?” Como uma inovação tecnológica, o *open source* não foi sobre as cidades, mas de forma colaborativa a construção de ferramentas. No entanto, a abordagem de código aberto ressoa com o que as cidades estão no nível do solo, onde os usuários estão. Para usar uma analogia, o parque é feito não só com o *hardware* de árvores e lagos, mas também com o *software* de práticas das pessoas.

Em outra oportunidade⁴ eu sugeri que a noção de bairros de código aberto pode ser um instrumento fundamental não só para resolver problemas que são de determinados bairro, mas também como um primeiro passo na mobilização de bairros em ações coletivas de diversos tipos, desde a agricultura urbana até exigir melhores serviços do governo de uma cidade⁵. Um segundo fato relacionado a este é que cada bairro é diferente e tende a enfrentar problemas bem diferentes - de acesso aos transportes, das inundações, da pobreza e do desemprego, e muito mais. Por isso, cada bairro tem diferentes tipos de

⁴ <http://www.forbes.com/sites/teconomy/2013/11/10/open-sourcing-the-neighborhood/>

⁵ Ao usar a palavra bairro (*neighborhood*) refiro-me a modestas partes da cidade; usualmente não usamos esse termo para nos referir ao lugares onde vivem os muito ricos.

conhecimento sobre a cidade. Além disso, ele também tem uma diversidade de atores - a avó, o lojista, a criança - que passam muito tempo na vizinhança e, por sua vez, têm diversos saberes sobre o bairro.⁶

Ponto-e-vírgula – O que quer dizer com diversos saberes sobre o bairro?

Saskia Sassen – Eu quero destacar que esses são conhecimento localmente produzidos, não o conhecimento de especialistas em cidades, mas o conhecimento de moradores de diversas vizinhanças das cidades. Cada um deles é um tanto diferente – alguns alagam nas chuvas, outros não recebem água o suficiente etc. Este é um tipo de conhecimento que é diferente do conhecimento codificado no centro - o conhecimento de governos, peritos, elites. Nós poderíamos conectar esses diversos bairros-atores para uma rede de código aberto ou *wikis*, em que circulassem essas pequenas informações⁷. O efeito seria tornar acessível os sistemas frequentemente fechados de conhecimento do centro ou do topo. As agências governamentais tendem a verticalizar seu trabalho, assim como muitas instituições civis urbanas principais. Nós podemos cortar esse conhecimento codificado, trazendo estes pedaços de rua e conhecimento de bairro em sistemas de conhecimento padrão. Isso iria desestabilizar tais organizações e abri-las. As agências do governo central da cidade poderiam aprender aspectos sobre a cidade que elas não estão bem posicionadas para acessar.

Ponto-e-vírgula – Isso estimularia uma gestão urbana cidadã.

Saskia Sassen - Eventualmente, alguns usuários da vizinhança estão suscetíveis a experimentar com versões em desenvolvimento, mesmo que simples, tecnologias de código aberto destinadas a incorporar diversos pedaços de práticas de conhecimento e de conhecimento diversos da localidade - via moradores, amigos, e também crianças, pessoas sem abrigo, avós⁸. Embora nenhum deles seja um especialista urbano, cada

⁶ Uma grande inovação seguindo essa linha é o projeto de saúde desenvolvido pelo Dr. Manmeet Kaur para assistir trabalhadores de baixa renda no Harlem, em Nova Iorque. www.cityhealthworks.com

⁷ O exemplo mais simples de uma implementação deste tipo, ainda que elementar, é o app Pot-hole (pot-buraco) desenvolvido pelo governo municipal Boston. Você bate ou vê um buraco, clica no aplicativo e o governo da cidade recebe as informações: existe um buraco e estas são as coordenadas de sua localização. Ele evita de o governo municipal desperdiçar muito tempo tentando encontrar os buracos.

⁸ Em um projeto sobre os trabalhadores com baixos salários e digitalização, conclui que o que mais permitiria inclusão digital dos trabalhadores com baixos salários seria a extensão da digitalização para o espaço maior dentro do qual estes trabalhadores operam: não só no local de trabalho, mas também, e muito impor-

um tem conhecimento específico sobre o seu lugar. Tudo isso, por sua vez pode ativar elementos adicionais de ambas as práticas de conhecimento e práticas tecnológicas, gerar mais engajamento por moradores da cidade e mais comparações entre bairros. Em última análise, pode escalar até o nível da cidade, mas a partir do zero, levando a trocas e colaborações e para uma cultura de bairro e de cidade completamente mobilizada.



Foto: performaCITY

**Todas as notas de rodapé foram propostas e escritas por Saskia Sassen.*

tante, sua vizinhança. Para obter uma lista de inovações ver <https://osf.app.box.com/s/qlnbr195vm79720kp-vuj3iqgs8ldhc00>